

**A AMBIVALÊNCIA DO CANGACEIRO E O DIALOGISMO
NUM POEMA DE LITERATURA DE CORDEL**

Raymundo José da Silva (UEMS)
rayjs@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Dentre os temas intensamente explorados pela Literatura de Cordel, destacou-se o cangaço, de onde surgiram figuras nacionalmente conhecidas, um misto de herói e bandido, sendo Lampião o maior representante. Oriunda da Península Ibérica, a literatura desenvolveu no Nordeste características marcantes, como a religiosidade, o misticismo e a valorização de determinadas formas de conduta. Deste modo, o folheto, fonte de entretenimento e veículo de informação da gente simples do sertão, pretendia corrigir os maus costumes e condenar os pecados mediante um exemplo, geralmente registrado no final pelo sujeito-autor. Considerando tais aspectos, este trabalho tem por objetivo analisar o discurso do poema *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*, do cordelista João de Barros (Jotabarro), tendo, como suporte, o pensamento de Bakhtin (1997) e Pêcheux (1988), que teorizam sobre o fenômeno da polifonia e a ilusão da originalidade discursiva do sujeito.

Entre o final do século XIX e começo do XX, surgiram, no sertão do Nordeste brasileiro, grupos de homens fortemente armados com carabinas e longos punhais que aterrorizaram a população sertaneja. Eram os cangaceiros.

Sabe-se que o Cangaço teve origem muito antes de Lampião. Por exemplo, um dos primeiros cangaceiros de que se tem notícia foi o Cabeleira, o mesmo cuja vida serviu de tema à obra do escritor Franklin Távora, e que, já na segunda metade do Século XVIII, assombrava as regiões rurais próximas de Recife.

Durante os últimos 70 anos, os meios de comunicação e escritores têm explorado exaustivamente todos os fatos relativos aos principais personagens que compuseram o movimento do Cangaço. Contudo, até hoje não arrefeceu totalmente o interesse do grande público por aqueles episódios que ainda conservam alguns pormenores en-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

voltos em mistério. Passadas todas essas décadas, não obstante as transformações socioeconômicas verificadas no Brasil, ainda se pergunta: além de outros mais, quem foram Lampião, Corisco, Antonio Silvino, Volta Seca, Maria Bonita, e como viviam?

1. Aspectos da vida do cangaceiro

Objetivando uma melhor compreensão do tema e em vista da notável influência desse movimento fora-da-lei na vida de muitos sertanejos, seguem, em linhas gerais, alguns registros sobre a vida do “Rei do Cangaço”.

Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, era natural do sertão de Pernambuco. A versão mais repetida e aceita para explicar a origem dessa alcunha é que, nos tiroteios travados durante os assaltos noturnos, seu rifle, em decorrência dos disparos continuados, ficava incandescente, semelhante à luz mortiça de um lampião. Esse bandido percorreu o Nordeste durante as décadas de 1920 e 1930 e quase tudo que se sabe dele deve-se a filmes e fotos que o mascate libanês Benjamin Abrahão Botto fez do bando. Tratava-se de uma forma de *marketing* do cangaceiro. Esse cinegrafista, ao conquistar a confiança de Lampião, tornou-se, de certo modo, o fotógrafo “oficial” do Cangaço. Vaidoso, o cangaceiro aceitava essa ostentação, e, em plena caatinga, como o comprovam registros, gostava de olhar as reportagens e fotografias estampadas nos jornais.

Os cangaceiros perambulavam como nômades pelo sertão e, entre extorsões, tiroteios contra as volantes e fugas para lugares de difícil acesso, reapareciam, a pé e de surpresa. Conta-se que o bando entrava cantando nas cidades e exigiam dinheiro, alimento e apoio. Caso suas exigências não fossem cumpridas, enfurecidos, praticavam toda sorte de crimes, como sequestro de crianças, e violência contra as mulheres. Diz-se que, se atendidos os pedidos, Lampião organizava um baile. Dançava-se no ritmo do xaxado, preferência dos cangaceiros, e nome derivado do ruído das sandálias no solo áspero das caatingas. Nesses momentos, Virgulino distribuía esmolas aos mais necessitados, versão romântica dum Robin Hood do agreste. Ao final da festa, o bando partia da cidade, em fila indiana, todos pisando a

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mesma pegada, enquanto o último ia, de costas, apagando os rastros com uma folhagem.

A vida desse sertanejo inspirou minisséries de sucesso e filmes marcantes, como “O cangaceiro”, produzido pelo cineasta Lima Barreto em 1953, tendo como tema a música “Mulher rendeira”, que estabelece o nítido entrelaçamento entre o Cangaço e outros elementos do folclore nordestino, como o artesanato dos bilros. A figura do bandoleiro causava admiração e medo.

Haja vista as estrofes seguintes, que não registram, sequer, uma palavra que desabone a conduta do cangaceiro. Ao contrário, apresentam um tom romântico e expressam, pela desconstrução da visão maniqueísta, certo encantamento pelo herói-bandido, sobretudo por parte das mulheres rendeiras, ou das moças sertanejas:

- | | |
|------------------------------|-------------------------------|
| 1) Olê muié rendera | 2) Olê muié rendá |
| 3) Tu me ensina a fazê renda | 4) Que eu te ensino a namorá. |
| 5) Se que fica na janela | 6) Namorando Lampião |
| 7) As moças de Vila Bela | 8) Não tem mais ocupação |
| 9) As moças de Vila Bela | 10) Não têm mais ocupação |
| 11) Se que fica na janela | 12) Namorando Lampião. |
| 13) Lampião desceu a serra | 14) Deu um baile em Cajazeira |
| 15) Botou as moças donzelas | 16) Pra cantá muié rendera |

A troca de favores e a amizade com os coronéis, os momentos críticos em que Lampião se outorgou o direito de fazer uma suposta justiça e as doações aos mais humildes fizeram com que alguns transgressores ganhassem o respeito e até mesmo a admiração da população sertaneja: representavam a redenção do nordestino, condição que resulta num efeito muito próximo ao da carnavalização bakhtiniana e ao do romance picaresco.

Transformado em lenda viva, especialmente para o sertanejo mais próximo e conhecedor dos fatos, o cinema e as telenovelas, com certo *glamour*, completaram a imagem do “cabra da peste” selvagem, violento e misterioso. Não se descurando da aparência pessoal, como exemplo, trazia os dedos enfeitados de preciosos anéis e introduziu o chapelão de couro em forma de meia-lua.

Companheiro da lendária Maria Bonita, cangaceiro cego de um olho e com os inusitados óculos no meio da caatinga agreste; homem jeitoso, fazia os partos de Maria Bonita e de outras mulheres

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

do bando; sanfoneiro e artesão em trabalhos de couro, confeccionava as próprias roupas. Tudo isso o torna singular e compõe um portentoso conjunto de detalhes que, somados à ferocidade, às façanhas e à imaginação do povo humilde do sertão, devem ter colaborado, de modo especial, para aumentar a aura mitológica do bandoleiro.

Por tudo isso, durante muito tempo, o Cangaço tornou-se um dos temas mais intensamente explorados pela Literatura de Cordel, cuja incontida admiração por Virgulino, por vezes, surge francamente declarada, como nos seguintes versos do poeta João Martins de Athayde, em que o sujeito Lampião – herói emblemático do Nordeste, inscreve-se no imaginário coletivo:

Entrada de Lampião na cidade de Padre Cícero

Assim naquela atitude
Rosto firme, olhar insano
Quem o visse não dizia
Ser um ente desumano
Prestava atenção em tudo
Com um caráter sisudo
Parecia um soberano.

O repórter perguntou
A Lampião a sua idade
Tenho vinte e sete anos
Com toda sinceridade
Sinto-me bastante forte
Não tenho medo da morte
Nem fujo da autoridade.

Um relevante fato histórico colaborou, de modo considerável, para o fortalecimento de Lampião e seu bando: o combate do Governo Federal à Coluna Prestes. Como resultado, em Juazeiro, no ano de 1926, o governo faz a Lampião a doação de armamentos e munições e lhe concede a patente de capitão honorário das forças legais. Lampião pouco contribuiu para conter a longa marcha de Luís Carlos Prestes; contudo, o “Capitão Virgulino”, como exigia ser reconhecido, continuou na mesma vida de fora-da-lei, mas, vaidosamente, ostentou a falsa patente até o fim.

As perseguições ao cangaceiro intensificaram-se, e no ano de 1938, na gruta de Angicos, em Sergipe, atacados pela polícia alagoana morrem Lampião, a mulher Maria Bonita e mais alguns de seus

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

companheiros denominados “cabras”. Alguns nomes: “Luís Pedro”, “Mergulhão”, “Elétrico”, “Quinta-Feira”, “Caixa de Fósforo”, “Adília”, “Cajarana” e “Diferente”. Onze ao total. A exposição das cabeças, tida como exemplo, foi considerada uma forma de assustar e definitivamente desestimular esse tipo de crime na região.

Virgulino escreveu, com sangue, sua história de líder fora-da-lei, mas, ainda assim, é considerado, às vezes, um nobre salteador que jogava moeda aos pobres, tornando-se um mito depois de morto.

2. A religiosidade do cangaceiro

Dentre todas as regiões brasileiras, parece acertado considerar que nenhuma outra apresenta um povo com uma ligação tão estreita, e peculiar com o sobrenatural quanto o da Região Nordeste. Ali as religiões misturam-se num sincretismo harmonioso, de modo que, não raro, o mesmo fiel respeita e professa mais de um credo, conseguindo uma conciliação quase impossível entre as religiões oficiais e tantas superstições que, por vezes, beiram a idolatria. Ademais, o sertanejo sempre demonstrou uma imensa capacidade para conciliar atitudes e valores terrenos e espirituais. A esse respeito, Castro (1980, p. 250) explica:

Tipos tão significativamente inseridos, por suas raízes culturais, na vida sertaneja, a tal ponto associados em sua atuação social que se constituem muitas vezes como uma só personalidade – o beato-cangaceiro, como o célebre Bento da Cruz, de Juazeiro, assassino de seu pai, que “com uma cruz numa mão e um punhal na outra”, distribuía justiça na povoação, ou como os truculentos Batistas que na campanha de Canudos serviram de ajudantes de ordens a Antônio Conselheiro e que eram “capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários...” (Euclides da Cunha).

A religião católica, entretanto, sempre foi a mais seguida, embora seja considerável o número de adeptos de outras doutrinas. Portanto, nessa sociedade rural e extremamente receptiva aos fenômenos e valores espirituais, surgiram três figuras proeminentes que conseguiram, cada um em sua época, aglutinar, de forma jamais vista, a religiosidade da população sertaneja: Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião. Aceitos pelo sertanejo como legítimos profetas e mediadores entre a terra e o além, esses símbolos máximos do messianismo do Nordeste foram, ainda em vida, incondicionalmente re-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

conhecidos como santos. Deste modo, o Cangaço e a religiosidade sertaneja constituíram uma simbiose da qual resultou o cangaceiro místico e devoto, capaz de matar o semelhante e rogar pela proteção divina.

3. Da análise de: Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás, de João de Barros (Jotabarro)

Jotabarro expressa a síntese do imaginário do povo nordestino, com a presença dos possíveis maiores personagens da cultura sertaneja no século XX: Lampião e Padre Cícero. O primeiro, o mais célebre bandido do cangaço; o segundo, o religioso mais amado, que personificou o sagrado.

Obviamente, assim como o povo, o poeta sabe que Lampião está morto; contudo, logo no início do texto, afirma que o cangaceiro continua vivo:

Eu assevero que sim
Pois eu já ouvi dizer
Que Lampião já foi visto
Lá no Rio de Janeiro (versos 09, 13, 15, 16).

Nesta afirmação, embora o enunciador tenha apenas ouvido dizer, não parece haver incongruência porque, movida pela fantasia e lembrança das façanhas do cangaceiro místico, enigmático e “de corpo fechado”, ressurgiu a figura quase sobrenatural que, por muito tempo, pairou e fixou-se na memória da população sertaneja. Por isso, como exprimindo um íntimo desejo, o poeta e o povo se permitem dizer “– Lampião está vivendo!” (verso 08).

Com os versos (23 e 24) usados como forma de referendar a possível sobrevivência de Lampião, Jotabarro assevera:

Aquilo que o povo diz
Foi, ou é, ou está para ser!

Observe-se que esse pensamento popular adquire mais valor e força porque, além de expressar um conceito profetizante, estabelece uma interdiscursividade com um provérbio de cunho religioso, muito repetido e aceito por muitos como verdade irrefutável: “A voz do povo é a voz de Deus”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Por outro lado, embora o sujeito-enunciador enumere algumas atrocidades de Lampião, e não concorde com elas, tenta, explicitamente, justificar suas ações e entrada para o cangaço com uma intensa desqualificação do assassino do pai do cangaceiro:

Mas tudo isso somente
Para vingar uma dor
Pois seu querido pai
Foi morto por um brutal
Sujeito que tinha o gênio
Igual ao de um chacal (versos 41 a 46).

Com tais atributos negativos do assassino, este afigura-se pior que o cangaceiro, que agora emerge quase transformado em vítima, de modo que o sujeito do discurso, por intermédio do “não-dito”, deixa subentendido que Lampião, em sua essência, talvez não tivesse tão mau instinto, nem fosse predestinado a ser um bandido cruel. Mas, compelido pela fatalidade, torna-se criminoso, pela honra da família atingida, ou “Por perder seu pai querido” (verso 49). Enfim, com este verso com que Jotabarro retrata um Lampião dotado de profundo amor filial, segundo os padrões sertanejos, o rei do cangaço apresenta-se mais humanizado, apenas uma vítima do destino e quase herói. Como a corroborar essa impressão, note-se o que o que diz Castro (1980, p. 256):

A verdade é que, para o sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheirescamente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir com os pobres.

De fato, a valentia, tema recorrente no Cordel e qualidade apreciada pelo homem do sertão, também está presente, tendo no cangaceiro o seu representante maior:

Que ele era valentão,
Mas Lampião não temia
A ninguém no mundo inteiro (versos 56, 61, 62).

Isso significa que Lampião não temia as consequências funestas e, no quesito “valentia”, era superior a todos os homens do mundo.

Logo, a despeito dos crimes cometidos e do sofrimento causado, entrevê-se certa empatia entre o cangaceiro e o povo do sertão, de sorte que ele não parece ter sido odiado por todos os sertanejos,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que, por vezes, o reconhecem como um defensor dos oprimidos. Observe-se que, também para o cordelista, parece tratar-se de um representante do povo humilde, que faz justiça, que se rebela e se vinga das classes opressoras:

Mas não – ele defendia
A um certo pessoal
Ele protegia ao pobre,
Defendia uma criança
Uma velha, uma mocinha. (versos 71 a 76).

Em face do exposto e parafraseando Eneida Cunha³, pode-se afirmar que ali se expressa o imaginário do povo nordestino e o seu desejo de legitimar-se. Trata-se, portanto, de um modo especial de organização de poder, ao qual pode ser aplicado o seguinte pensamento de Guerra (2006, p. 10), fundado nas bases teóricas de Bakhtin:

[...] as produções de sentido, que circulam na sociedade e que regulam os comportamentos, identificam e distribuem os papéis sociais, a partir de relações hierárquicas apreendidas no interior dos cotidianos ritualizados. Esse ritual, por sua vez, tem o imaginário social como legitimador das relações de poder, implicando o sujeito, suas concepções e relações.

Alguns elementos do ambiente e da cultura sertaneja foram citados, cada um simbolizando um aspecto marcante: o mandacaru, o ambiente agreste; a buchada de bode, um prato típico; e o frevo, um ritmo musical.

De repente ali correu
Aquela infeliz notícia
Que Virgulino morreu (versos 200, 201, 202).

Tais versos merecem atenção, em vista do sentimento de perda inesperada [De repente...] que o sujeito mal consegue disfarçar e deixa transparecer pela morte do cangaceiro: “Aquela infeliz notícia”. Com isso, supõe-se que o fim de Virgulino não tenha sido motivo de alegria para todos. Logo, poder-se-ia dizer que, assim como existem os estados perenes com os quais o sertanejo aprendera a conviver, como a seca e a religiosidade exacerbada, também o can-

³ Cunha analisou, em *Estampas do imaginário*, o romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. (CUNHA, 2006).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

gaço, fenômeno social e circunstancial, estabelecera-se e, durante muitos anos sob o carisma sinistro de Virgulino, incorporara-se à vida e à cultura nordestina. Cabe dizer que, de certo modo, a definitiva saída de cena de Lampião deixara um vazio na vida de muitos sertanejos já acostumados ao cangaço, seja pela extinção do antigo e permanente temor, seja pela admiração que esse personagem tão próximo e intangível despertava.

Entretanto, o poeta de cordel, como porta-voz do sertanejo e livre para fantasiar, possui um instrumento de ficção, que é o folheto, com que pode seguir construindo outras histórias, e, desse modo, efetuar o resgate de Lampião e suprir sua ausência, mesmo depois que este partiu para outras dimensões:

Pra muitos apareceu.
Reconciliou-se e vive
Talvez até muito bem. (versos 204, 209, 210).

Depois de perambular e penar por outras esferas extraterrenas e baixar a várias sessões, segundo Jotabarras, Virgulino

Sofreu até que ficou
Sem dever nenhum pecado (versos 227, 228).

Aí se verifica a religiosidade representada pelo espiritismo, a purgação dos pecados e a reconciliação do cangaceiro com o bem. Por isso, agora já pode tentar entrar no céu, onde é recebido por São Pedro, que, segundo o imaginário popular, é o guardião das chaves do Paraíso. Com esse discurso, subentende-se que a misericórdia divina é infinita, que todos os pecadores merecem outra chance, até mesmo Lampião, e este será um novo Adão, uma vez que o Senhor necessita “restaurar” “O antigo Paraíso” (verso 262). Com esta passagem, se estabelece a reatualização do episódio do *Gênesis*, seguindo os mesmos passos do Antigo Testamento, o que não impede a “nordestinação” de alguns elementos: a serpente, representada pela temível surucucu, enquanto o cajueiro substitui a primeira “árvore do bem e do mal”.

Assim como Adão sentira solidão e necessitava de uma companheira, mesmo no Paraíso, também o cangaceiro lembrou-se de Maria Bonita e chorou, dizendo:

– Oh, minha linda Maria
Vem pra cá, minha morena! (versos 295, 296),

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

versos que constituem uma relação intertextual com a música “Cintura Fina” de Luiz Gonzaga:

Minha morena, chega pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote.

Ao mesmo tempo, quando o poeta diz que Lampião, representante máximo do rude sertanejo, “Começou a chorar seu pranto” (verso 294), [sobretudo por uma mulher], esse sentimento de amor, abertamente externado, vem frontalmente contradizer e desconstruir o antigo discurso masculino de que “Homem que é homem não chora”, certamente muito em voga noutros tempos, e que vai conceder traços de humanização ao temido cangaceiro.

Segundo o dito popular, “Tal a vida, tal a morte”. Por isso, Lampião, devoto como era em vida, ora com fervor lembrando-se “Do Padre do Juazeiro” (verso 302). Aqui, uma vez mais, evidencia-se a ambivalência do cangaceiro: benfeitor-malfeitor, herói-bandido, anjo-demônio. E suas preces são ouvidas, fazendo prevalecer o bem, porque o Padre Cícero, antigo protetor canonizado pela fé do povo, como mediador entre a Terra e o Paraíso, cede um “passe” para o céu a Maria Bonita. Como diz Jotabarro:

A prece de Lampião.
De Nosso Padrinho Cícero
Recebeu a proteção (versos 308, 309, 310).

Haja vista que o verso 309, expressa a profunda reverência ao sacerdote, não só de Lampião, mas também do poeta e demais sertanejos, que se consideram afilhados: “... Nosso Padrinho...”. Aqui o possessivo, em maiúsculo, produz um efeito de sentido pluralizante, abrangente, de cumplicidade, enquanto o diminutivo [Padrinho], com duplo sentido, denota reciprocidade entre a proteção do sacerdote e a devoção dos fiéis.

Agora, no Éden, Lampião e Maria Bonita estão novamente felizes e, ludicamente, entoam antigas canções já incorporadas ao folclore nordestino:

É lampe, é lampe, é lampe,
É lampe, é lampe, é Lampião –
Olé, mulher rendeira!
Olé, mulher rendar! (versos 357, 358, 363, 364).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Como se sabe, na primeira vez Adão e Eva pecaram, mas, pela morte de Cristo na cruz, Deus ofereceria “outra” oportunidade. Agora, por misericórdia divina um novo casal teria oportunidade de estabelecer a redenção do ser humano e “restaurar o Paraíso”. Mas que os dois não se esquecessem dos preceitos de Cristo, agora renovados por São Pedro:

Satanás o tentará,
Mais do que tentou Adão –
Virado em surucucu (versos 271, 272, 273).

Comerás todos os frutos,
Mas isento é o caju! (versos 337, 338)

avisa o santo. Trata-se de uma tarefa mais difícil do que a que Adão tivera. Por isso, embora Lampião tenha jurado fidelidade a Deus, satanás, em forma de ardilosa serpente, mais uma vez engana o Homem no Paraíso e fá-lo pecar e provocar a ira divina.

Dessa forma, apesar dos avisos recebidos, a história no Éden, como paráfrase ou paródia, se repete passo a passo. Assim, como Adão e Eva, Lampião e Maria Bonita não souberam aproveitar a segunda oportunidade dada por Deus à raça humana. Logo, ao desobedecerem à lei divina, são expulsos por

Uma multidão de anjos,
Cada qual com uma espada (versos 415, 416).

Por conselho de outro transgressor, Caim, o casal volta para a Terra, isto é, ao mundo de pecado, e não pode nunca mais entrar no céu.

No entanto, mais uma vez o poeta de Cordel sintetiza a vontade popular, mostra-se indulgente

[Reconciliou-se e vive
Talvez até muito bem]

e não relata sua ida para o inferno. Talvez o cordelista julgasse que tal destino fosse excessivamente injusto e infeliz para o herói-bandido, razão por que informa apenas que

Agora o destino dele
Ainda é ignorado (versos 431, 432),

cabendo o “juízo” ao leitor.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Por fim, com os versos 425 e 426, Jotabarras deixa um conselho para que, com essa lição, já inscrita no imaginário coletivo, as pessoas evitem futuros dissabores:

Quem é desobediente
É sempre mau o seu fim!

4. Considerações finais

Lido o texto e feita a análise, verifica-se que as contradições se evidenciam: Lampião não pertence nem ao céu nem ao inferno, e sua história assemelha-se às epopeias, a partir da construção do herói responsável pela materialização dos projetos da coletividade.

Note-se ainda que, a despeito de todos os males causados, o Cangaço invadiu, de forma um tanto romântica, a mente das pessoas, de sorte que os principais personagens lembrados mais parecem heróis que criminosos sanguinários. A respeito dessa aura mesclada de mito e realidade, Nemer (2005, p. 11, 12), explica:

Lampião, bandido célebre que durante quase vinte anos desafiou as forças da polícia assegurando sua dominação sobre uma vasta zona do território nacional e sua população, se inscreve nessa tradição. Ele é o herói de inúmeros folhetos de cordel que testemunham sua singularidade, sua ambivalência, sua dualidade profunda. Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser reescrita, sua imagem de ser reelaborada.

Deste modo, misto de herói e bandido, temido e admirado por uma grande parcela da coletividade (sobretudo a nordestina) o cangaceiro é inserido no poema de forma parafrástica ou paródica a fim de, como um novo Adão, possa, uma vez mais, representar e salvar toda a espécie humana no Paraíso.

Por conseguinte, aqui merece ser evocado o pensamento de Maingueneau (1996, p. 27): “A produção literária consiste menos em fazer surgir *ex nihilo* do que em deslocar, inverter, etc. o já dito. De certo modo, só é legível o que corresponde a esquemas já interiorizados”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. *A bíblia sagrada: o velho e o novo testamento*. 42. impr. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1980.
- ATHAYDE, João Martins de. *Cordel*. São Paulo: Editora Hedra, 2005.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Unesp, 1993.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares, Achiamé, 1980.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, Eneida L. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- GUERRA, Vânia M. L. A Análise do Discurso no âmbito das Ciências Humanas. In: II Encontro de Letras: estudos linguísticos e literários, 2006, Três Lagoas, *Anais do II Encontro de Letras: estudos linguísticos e literários*. Campo Grande: UFMS, 2006. v. 1. p. 128-134.
- JOTABARROS, João de Barros. *Lampião e Maria Bonita no paraíso tentados por satanás*. São Paulo: Luzeiro Limitada, 1980.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*. Escola de Comunicação, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni O. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.